

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**FUNDAMENTO
PROFÉTICO/CIENTÍFICO
DA MENSAGEM
DO NOVO SIGNO DO TEMPO**

Expansão de consciência e ressonância por similitude

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



GERMES DE FUTURO NA AMÉRICA INTERIOR

Germán Arciniegas, em “*América tierra firme*”, referindo-se às potencialidades humanas do Novo Continente, diz: “Cabe às regiões do globo, a seu tempo, irem servindo de base às culturas”. Um novo cenário para representar, de outra forma, a “caminhada de Deus sobre o mundo”, da qual nos fala Rodolfo Kusch em “*América Profunda*”(1).

I

Overture semântica para uma nova filosofia da palavra.

O diálogo pós-moderno não começa com uma filosofia das ideias e sim com uma crítica da linguagem.

Já não podemos apoiar-nos nas formas cristalizadas da língua, mas no “ritmo vivo” da palavra criadora.

A mensagem pós-moderna não é ideológica, é “vibratória”. Mais que a “ideia” da mensagem, o que hoje está em jogo é a “força” da criatividade, o ritmo energético/simbólico de uma “nova aliança”.

Avançamos em direção a uma individualidade de “ressonância co-evolutiva” (egoência).

Egoência é in-expressão do ser-total, ser-e-não ser, partícula/onda, consciência/vontade, ressonância por similitude.

A egoência, como primeira função de síntese, não é somente “princípio” de uma nova filosofia da palavra, mas “código gen-ético” de uma nova geometria da vida, “germe de futuro no homem”¹.

II

Preâmbulo para uma epistemologia de síntese

1. Acontecimento paradigmático

A mensagem que vem do futuro é algo mais que um novo paradigma (um modelo intelectual para interpretar o mundo), é um “acontecimento paradigmático”. A partir do ano 45, já não estamos tão seguros, a casa que habitávamos ficou sem sustento. “Ruptura de simetria” do antigo sistema: uma muralha que é derrubada, uma porta que se abre, uma luz que ingressa. Já não vivemos no mesmo mundo, já não falamos o mesmo idioma.

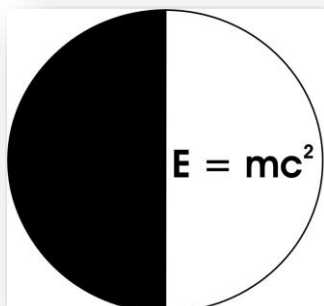
2. Revolução científica-e-revelação espiritual. Duas fases de um mesmo acontecimento.

Quando Einstein, referindo-se a sua teoria da relatividade, diz: “Uma luz maravilhosa se fez dentro de mim”, o testemunho do cientista não é diferente da experiência interior do místico. Não há duas revelações, mas uma só. Nos altos cumes do pensamento e do amor, o sábio e o santo se encontram - Einstein dialoga com Rabindranath Tagore² e David Bohm com Krishnamurti³.

Porém, as “tecnologias transcendentais” (Thomas Berry)⁴ “ocultam” a iluminação primordial.

3. Novo instrumento profético/científico

Ainda não possuímos uma equação de campo unificado que re-una o caminho do conhecimento com o caminho da vida. As ciências que conhecemos só nos dão a “metade da fórmula”.



A ciência positiva do século XIX pôs uma barreira à visão religiosa do Universo. E a religião teve que negar a ciência para salvar o dogma. Hoje, rompeu-se esta barreira imposta pela mente racional, mas não através de uma nova “ideologia” e sim, através de um novo “instrumento”.

Não se trata de uma nova teoria do conhecimento, mas de um novo “órgão do saber” que, por sua própria função profético/científica, permite descobrir estruturas completamente novas na complexa realidade do universo e da vida. A síntese não se dá na ciência, mas no homem, um novo sujeito da história.

III

A revelação pós-moderna

Da metafísica do espírito à geometria da matéria

1. Ressonância por similitude

Existe realmente uma mensagem que abarque, ao mesmo tempo, o devir humano e o mistério do Universo?

Sim existe, mas temos dificuldade para reconhecê-la!

Não a reconhecemos, porque procuramos onde não está! Procuramos o “conteúdo ideológico” da mensagem, em lugar de sintonizar com a própria mensagem. Procuro a fórmula que “outro” diz haver descoberto, sem dar-me conta de que “eu mesmo” sou parte da fórmula.

Porém, como se descobre esta mensagem, como se de-cifra seu código semântico? Não se descobre nem se de-cifra, revela-se!

2. Da revelação escrita à revelação in-scrita

A revelação não aparece somente como acontecimento extraordinário de “iluminação sobrenatural”, mas como “função transcendente/in-corporada” à vida cotidiana. Não só “visão” profética do espírito, mas “in-scrição” do espírito na matéria (“*signatura*” da mensagem). “Nova aliança”, mudança no ritmo intrínseco da vida. Não só uma nova filosofia da história, mas uma nova geometria molecular. Uma nova ideia-e-uma nova molécula (“molécula analógica”).

Este salto qualitativo da revelação escrita à revelação in-scrita tem profundas consequências em tudo o que constitui a futura evolução da humanidade, porque se in-corpora na fisiologia humana uma “palavra logoquímica” (molécula analógica) que faz possível o diálogo entre a dinâmica existencial do homem terrestre e o sentido transcendente do ser cósmico. Trata-se de uma dessas “moléculas privilegiadas” que “enlaçam” mundos diferentes. O que seria da evolução da vida sem a hemoglobina ou a clorofila?

IV

Interlúdio metodológico

1. Barreira semântica

Qual é a natureza intrínseca destas “pontes invisíveis”?

Como se passa da matemática da ciência à geometria da vida?

Como se transita entre a dimensão horizontal do tempo e a ordem vertical do significado?

O místico, o cientista, o astronauta penetram em dimensões da realidade até agora desconhecidas. Mas, todos eles têm dificuldade para “traduzir” a experiência unitiva que vivem por dentro, ao campo fragmentado do pensamento racional.

Quando Einstein vê que a luz se comporta como onda-e-partícula e, anos mais tarde, de Broglie e Schrödinger formulam as equações matemáticas de equivalência entre estes dois modos de comportamento, o que fazem é traduzir a visão originária do sujeito para o símbolo matemático. Mais que cientistas, são “homens de visão”, e a maior dificuldade que têm é traduzir essa visão para a linguagem dos homens e das mulheres de seu tempo. Esta é a “barreira semântica” que separa hoje os homens de visão dos homens de pensamento. É a mesma barreira que antigamente separou os profetas dos doutores.

2. Signo do tempo

A teoria dos sinais pro-féticos requer, necessariamente, uma teoria “qualitativa” do tempo que faça possível a leitura dos “sinais do novo signo do tempo”.

O tempo atual se caracteriza pela “perda da imagem do mundo”. Octavio Paz diz: “Hoje não estamos sozinhos no mundo: não há mundo”⁵. Thomas Berry fala da falta de pontos de referência (*Bilderlosigkeit*)⁶. Thomas Merton qualifica o “tempo do

fim"⁷, e Viktor Frankl descobre no “vazio existencial” e na “perda de sentido”, o fundamento daquilo que ele chama de “neurose de massa do mundo moderno”.

Porém, precisamente neste céu sem estrelas, aparecem os primeiros sinais de um tempo novo. É o rosto pro-fético da mensagem (o silêncio que precede a palavra). É o antes que precede toda metodologia fenomenológica.

3. Princípio de “inclusão”

"Eu mesmo sou parte da fórmula". Aqui, não há diferença entre mensagem e mensageiro, entre o caminhante e o caminho. Para compreender a mensagem é preciso vivê-la.

V

Estrutura funcional da mensagem do novo signo do tempo

1. Con-figuração de signos e con-stelação de forças

Octavio Paz fala dos “signos em rotação”⁸.

Para a leitura da mensagem no espaço recém aberto, necessitamos de alguns “referentes simbólicos” que operam como “sinais vivos” na carta humanográfica do futuro, estrelas no céu e pontos magnéticos sobre a Terra - que marcam o rumo ao caminhante.

Porém, não se deve confundir o “mapa” com o território. Uma coisa é a teoria dos signos, e outra, bastante diferente, é a gramática/energética da Obra.

Estamos condicionados historicamente pelas formas personalizadas da revelação, os “Grandes Iniciados da Humanidade”. Mas, o que ocorre quando a mensagem não é transmitida pela Voz de um profeta ou pela doutrina de uma igreja, mas pela

modulação de um “campo energ-ético”? O que acontece então, é que nos deixamos enganar pela “miragem” da mensagem, pela magia do “espectáculo” e pela sedução da “antimensagem”.

A operatória reversível da mensagem, que “desintegra-e-ilumina” ao mesmo tempo (revelação/comoção) - que se manifesta por um lado como “expansão de consciência”, e por outro, como “poder da sombra” - nos coloca no limite de nossos próprios instrumentos intelectuais e emoções, para interpretar o mundo e para entender-nos a nós mesmos.

Quando pretendo falar acerca da mensagem, sua estrutura me escapa. Mas, quando submerjo na corrente viva da mensagem, seu significado revela-se a mim por con-figuração de signos - e sua potencialidade, por con-stelação de forças, pela mística do amor, pela ciência da vida e pelo poder da organização. Já não se apresentam como aspectos separados da realidade, mas como “signos em rotação”, na roda do devir/sendo.

2. Reversibilidade de valores

É a chave dinâmica da “nova aliança”, uma nova função antropológica, uma geometria integral da vida.

É o mais simples de entender e o mais difícil de praticar. “Vende o que tens, toma tua cruz e segue-me” (Evangelho). “Ponto de giro da própria vida” (Zen). “Sem ruptura de simetria não há evolução” (postulado da biologia molecular).

Reversibilidade de valores é “ritmo de aliança”. É sustentar com a própria vida a chama do espírito (ritmo analógico do coração atômico).

A biologia molecular nos ensina que a vida se detém por aumento de entropia e acumulação de erros.

Muitas espécies detiveram sua evolução por não se haverem desprendido de formas orgânicas que se tornaram inadequadas.

A própria vida humana se encontra hoje detida em seu processo co-evolutivo, devido à identificação do ser com os resultados da experiência (cristalização existencial, pelo sentido possessivo dos valores).

Porém, Ilya Prigogine (Nobel de Química) mostrou-nos que longe da morte térmica, determinada pela segunda lei da termodinâmica, produzem-se “flutuações” de suficiente amplitude para “romper” a estrutura do antigo sistema “*symmetry break*” e lançá-lo a outro ciclo qualitativamente diferente.

No laboratório, este salto co-evolutivo se realiza através do ingresso de uma nova informação e exportação de entropia. A nível humano, por uma mística de reversibilidade de valores e uma técnica de renunciamento (aniquilação de matéria, liberação de energia e expansão de consciência).

Já não se trata de ganhar a vida e perder a alma, nem de perder a vida para ganhar a alma, mas de participar dos bens permanentes da vida.

O ritmo de reversibilidade de valores rompe o isolamento do homem terrestre e lhe outorga um novo sentido de pertinência cósmica.

3. *Arkhi*-tectônica da Obra

É a real “humanização” da mensagem, harmonia de valores materiais e espirituais que vai além de todo humanismo. Integração da temporalidade existencial, histórica e social da humanidade, na verticalidade *Arkhi*-tectônica da mensagem.

O humano in-scrito no divino. Não só uma mística do céu (de transcendência, do Absoluto, do Ser), mas uma energética da terra (do telúrico, da existência, do estar). Não só ideia espiritual, mas organização social.

VI

Olhando para o século XXI

1. Em direção a uma nova Filosofia da História

A irrupção da mensagem profética na trama de nosso tempo gera uma mudança de sentido no movimento da História.

O novo que ingressa não é só uma “Ideia” (no sentido hegeliano), mas uma “energia” de natureza diferente. É o próprio “ritmo” da mensagem o que muda o signo do tempo (neste ponto de inflexão qualitativa, McLuhan está mais próximo que Hegel, quando diz que “o meio é a mensagem”).

O que muda não é só a “Lógica” da História, mas o “sujeito” da história e as “forças” que movem a História.

Mudança nos “circuitos” da História. Nesse sentido, como muito bem advertiu Garcia Venturini, o ingresso da cibernética na história contemporânea deve ser considerado não só como avanço tecnológico, mas como “problema metafísico”⁹. A “curvatura cibernética” não é só técnica, mas mental. “A cibernética está realizando um tipo de convocatória do saber, em uma espécie de reunificação ou reencontro das diferentes disciplinas que, em um tempo, fizeram parte do tronco comum da filosofia”¹⁰.

Certamente que o “fechamento” do circuito cibernético não é suficiente por si só para assegurar a mudança evolutiva. Faz falta que o novo sujeito da História, em função de sua própria reversibilidade de valores, mantenha “aberto” o circuito para sustentar o fluxo sempre renovado de matéria/antimatéria/informação. A tecnologia, por si só, não resolve o problema da transcendência (crítica de Berry às “tecnologias transcendentais”¹¹).

O acoplamento homem-máquina (“logotécnica”) reclama - para sua integração humana - uma “mística de aliança”. Na nova Filosofia da História, ao “cérebro eletrônico” por fora, corresponde um “coração atômico” por dentro.

2. Fisiologia humana co-evolutiva

O astronauta é o prelúdio do homem cósmico.

Ressonância co-evolutiva é consciência/participante no desenvolvimento orgânico do Universo, é tomar nas próprias mãos as forças da evolução. Não se trata só de saber o que esperamos do cosmos, mas “o que o cosmos quer de nós”. Para além da dialética da História, abre-se o diálogo/vivo da criação.

Novas funções humanas. Realizar por dentro o que queremos fazer por fora, trabalho criativo, não só novos valores, mas novas substâncias (ultraquímica).

A filosofia dos valores se une à energ-ética da vida. A economia humana se enlaça com a economia da Providência (“olhai os lírios do campo”, uma dimensão perdida): a mística individual sustenta, desde dentro, a dinâmica social¹².

3. O “poder da sombra”

Nos confins da civilização científico/técnica, a humanidade se encontra hoje ante sua própria sombra¹³.

Algo nos escapou das mãos. A violência organizada já é uma força autônoma, um poder independente, sem rosto, mas com diferentes máscaras. Reprime-se a violência, mas não consegue decodificar a raiz oculta do fenômeno.

Padecemos atualmente de um novo tipo de patologia social, por carência de sentido, refluxo de energia e “implosão de massa”¹⁴.

A energia humana, ao não encontrar saída para “cima” (por uma consciência que não incorpora sua “mensagem energ-ética”) reflui para “baixo”, ativando as forças mais elementais da natureza animal/humana (“poder da sombra”).

As enfermidades sociais de que hoje padecemos (a droga, o crime organizado, a venda de órgãos humanos, a inflação, o desemprego, a fome, as violações, a AIDS, o desequilíbrio ecológico) - toda esta des-ordem do ecossistema não tem solução dentro dos esquemas teóricos e das receitas práticas de um ciclo que se esgota. Daí o fracasso dos condutores do velho signo para mostrar uma saída co-evolutiva à grande caravana humana que se aglomera por trás de um muro cada vez mais espesso.

O problema é grave e já não bastam os esforços isolados. Já não é suficiente um novo ideal, uma nova doutrina política ou religiosa, uma nova tecnologia. Faz falta uma nova “energia de liberação”, equivalente a nível humano à energia atômica que hoje ameaça a própria vida do planeta. A Humanidade inteira foi desafiada a cruzar sua própria sombra (mistério de iniciação cósmica).

O “cruzamento do umbral” está se realizando hoje por duas vias diferentes: uma nova mística e um novo sacrifício.

4. Esboço prefigurativo. Plasmação da mensagem

Os modelos biológicos, sociais e institucionais do futuro já não têm as formas rígidas e materiais do passado. a mensagem do novo signo do tempo se plasma em estruturas dinâmicas prefigurativas de espírito/matéria que constituem os órgãos e as funções de um novo corpo planetário. Modelos educativos, Universidade de síntese¹⁵, arquitetura orgânica socioecológica, economia social de desenvolvimento humano, democracia biológica¹⁶, logossíntese (projeto criativo para a educação e a técnica)¹⁷, são apenas algumas destas formas que antecipam a civilização de síntese do terceiro milênio.

5. A espiritualidade nascente

A nova espiritualidade emerge das águas da vida como “intuições primordiais” que apontam caminhos ainda não pisados por pé humano. Como se manifestam estas “leves ondulações deixadas na quieta pele do estanque pelo sopro primeiriço”, como diria o grande Ortega y Gasset?¹⁸

Como mudança na percepção de si mesmo

Obscura sensação vital de “estar alerta”, de que ao romper a muralha do “*homo clausus*”, muito mais “seguro” (existencialmente falando), provoca um sentimento de “insegurança” que pode chegar ao “pânico cósmico” e à crise de identidade. Novo desafio: sustentar-se no vazio sem cair.

Novo sentido de “pertinência cósmica”.

Como sentimento de “participação na totalidade da Obra”

Pertinência no “corpo” da humanidade.

Este “ser-e-sentir na Obra-de-todos-sem-deixar de ser” desperta energias criativas adormecidas pela separatividade e fará possível empreender obras sistemáticas gigantescas, a nível planetário.

Novo sentido de transcendência espiritual

Não só uma espiritualidade do céu, mas uma energética da terra. Sentido do divino unido à vontade de desenvolvimento humano.

Convergência das tradições dos diferentes povos da terra em um foco único de transcendência espiritual.

A nova espiritualidade de “corpo místico” constitui o suporte transcendente das correntes sociais de vanguarda, fazendo possível a encarnação da mensagem em obras humanas concretas (equilíbrio da “queda entrópica” das revoluções sociais).

Egoência do Ser

Identidade de ressonância humano/divina. In-expressão do Ser.

Nova dimensão da “liberdade interior” por reversibilidade de valores, liberação de energia e expansão de consciência.

Nem individualismo nem socialismo. Nova operatória do ser individual em campos/quânticos morfo-gen-éticos (plasmação dos valores) - Sheldrake¹⁹ - dinâmica co-evolutiva. renúncia a cristalizar a vida em uma forma (valor espiritual acoplado à matéria para ativar o processo de evolução/transcendente da vida).

Presença - uma estrela no céu e um sacrifício sobre a Terra

A mensagem do novo signo do tempo se anuncia com uma estrela no céu e se confirma com um sacrifício sobre a Terra.

A luz Daquele que vem se une ao sangue de um novo sacrifício, o sacrifício cotidiano dos inocentes. Hierogamia da nova era, aliança de espírito/matéria para criar mais vida.

Porém, quem é Aquele que vem?

É uma presença distante e próxima ao mesmo tempo, é uma consciência/energia que está no mundo e que não é do mundo. Ponte vibratória que une os mundos que estão separados e divide os que estão unidos, é palavra viva que transmite o conhecimento, o Amor e a Vida.

É presença divina na alma e presença humano/divina no mundo, é o gesto que abre caminhos impossíveis, é a mão que cura os doentes, é a força que participa solidariamente com os necessitados, é a Voz que chama as almas similares a reunirem-se no templo do coração.

BIBLIOGRAFIA

Muñoz Soler, Ramón P., “Gérmenes de Futuro en el Hombre”, Arayú, Buenos Aires, 1967

Prigogine, Ilya, “Tan sólo una ilusión?”, Tusquets, Barcelona, 1983, Pág. 39

Krishnamurti, J., “The Awakening of Intelligence”, Avon Books, New York, 1973, Pág.477

Berry, Thomas, “The spontaneities of Nature: Our Hope for the Future”, Forum for correspondence and Contact, Vol. 17, N°2, Jun 1987

Paz, Octavio, “El Arco y la Lira”, Fondo de Cultura Económica, México, 1973, Pág.261

Berry, Thomas en: Ortolani, Valerio, “Personalidad Ecológica”, Univ. Iberoam. México, 1986, Pág.158

Merton, Thomas, “Incursiones en lo Indecible”, Pomaire, Barcelona, 1966, Pág.53

Paz, Octavio, Op. Cit.5

Garcia Venturini, Jorge L., “Filosofía y Cibernética”, La Nación, Buenos Aires, 1972

Garcia Venturini, Jorge L., “Filosofía de la historia”, Gredos, Madrid, 1972

Berry, Thomas, Op. Cit. 6

Muñoz Soler, Ramón P., “Antropología de síntesis”, Depalma, Buenos Aires, 1980

Lefèbvre, Henri, “La porte de l’ avenir”, Planète, 1972, N°3

Baudrillard, Jean, “Cultura y Simulacro”, Kairós, Barcelona, 1984

Pracilio, Ovidio, “Democracia Biológica”, El Heraldó, Buenos Aires, 1985

Muñoz Soler, Ramón P., “Universidad de síntesis”, Depalma, Buenos Aires, 1984

Matchett, Edward, “Logosynthesis: A Meta Controlled Design, Discipline”, Systematics 1973, Vol. 11, N°2, Pág.97

Ortega y Gasset, José, “El Tema de nuestro tiempo”, Rev. de Occidente, Madrid, 1956, Pág.21

Sherdrake, Rupert, “La Science et les Fondements de la Civilización: habitudes héritées ?” ; UNESCO, Colloque de Venise, 1986